

O universo da pesquisa é a escola brasileira de primeiro grau, e para representá-lo tomamos uma amostra das escolas de Belo Horizonte, da rede pública e da rede particular, tanto das consideradas grandes como das consideradas pequenas, e ainda, nas duas categorias anteriores, escolas do centro da cidade e da periferia.

O instrumento utilizado para a coleta de dados deve ser a entrevista semi-estruturada, a fim de possibilitar melhor relacionamento entre entrevistador e entrevistados, permitindo, ainda, o fornecimento máximo de informações.

A pesquisa é financiada pelo CNPq e tem prazo de um ano para ser realizada. O trabalho de campo foi iniciado em março próximo passado e estamos, no momento, realizando as entrevistas com os profissionais das escolas selecionadas.

No domínio da imagem II

Pesquisadora:
Elza Maria CATALDO
FAE / UFMG

Cumprindo o prometido venho, mais uma vez, relatar o desenrolar da pesquisa "DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DA LEITURA E DA ESCRITA: UMA NOVA ABORDAGEM METODOLÓGICA", que realizo juntamente com TÂMARA BRAGA RIBEIRO.

Só para lembrar: essa pesquisa tem como objetivo central registrar a aprendizagem da leitura e da escrita, tendo em vista a busca da superação de suas dificuldades específicas no interior da instituição escolar. Nessa perspectiva, procura acompanhar a política de alfabetização implementada pela rede municipal de Ibiturê. No que se refere à metodologia, propõe a utilização da imagem em movimento e sonorizada, captada através do vídeo, como instrumento de investigação.

Ultrapassando o período de inserção¹, pudemos finalmente iniciar a

filmagem mais sistemática de uma sala de 1ª série.

Trata-se de uma unidade escolar regular, pequena, de 1ª a 4ª série do 1º Grau, com duas salas de aula que funcionam em dois turnos (manhã e tarde). A escola se localiza numa região verde, de plantação de hortas, embora vizinha de uma mineradora.

A sala de 1ª série possui iluminação suficiente para as filmagens² e é relativamente espaçosa, o que facilita a movimentação da câmera.

No que diz respeito à professora, é uma profissional experiente, que acompanhou toda a formulação da proposta de alfabetização da rede municipal de Ibiturê, tendo um ótimo relacionamento com o grupo de professoras da 1ª série e com sua coordenação educacional. Empenhada e disposta a realizar o trabalho de pesquisa conjuntamente conosco, tem participado da sua evolução.

O número restrito de alunos (oito) foi também um dos critérios na escolha dessa sala, pois nos permite um detalhamento maior no acompanhamento de cada criança.

São crianças que vivem em condições precárias, embora não miseráveis, heterogêneas no que se refere aos níveis de concepção da alfabetização,³ e que não demonstram constrangimento em relação à nossa presença e da câmara.

Dentre as várias opções, decidimos privilegiar a filmagem da relação professor-aluno, ou seja, investigar como se dá o processo de transmissão e aquisição da leitura e da escrita. Acentuamos, através da imagem, as hipóteses formuladas pelo aluno na apreensão do código escrito e as intervenções facilitadoras da professora na construção desse conhecimento.

Para isso, registramos as atividades que foram apontadas na fase inicial da pesquisa como fundamentais na dinâmica da sala. Interessava-nos ressaltar como elas eram realizadas e em que se diferenciavam dos exercícios escolares utilizados em salas de 1ª série, que em geral resultam no

fracasso do aluno, cristalizando e produzindo dificuldades de aprendizagem.⁴

As atividades filmadas foram: roda, ditado, fichas, painel, quadro-negro e leitura. Passo agora a esclarecer resumidamente cada uma delas.

Roda: Espaço de discussão coletiva, de diálogo, de decisões, do confronto das dificuldades, do resgate de uma postura de pesquisa - alunos e professores pesquisadores - "o que a gente quer é que a criança seja bom leitor, bom escritor, para extrair significados".

Ditado: É um momento em que, individualmente ou em grupo, a criança pensa e se permite lançar-se na escrita; um momento em que ela arrisca. "Ela pode errar, ela pode acertar, o que não vale é escrever sem pensar". Momento de emergência do conflito cognitivo e de intervenção da professora, desde seu surgimento.

Fichas: Atividade de consolidação de palavras já trabalhadas e de descoberta de novas.

Painel: Lugar organizado para se colocar determinado tipo de produção. Arquivo dinâmico do trabalho da sala. Referência para os alunos. "Os muros de uma sala de aula devem ter vida".

Quadro-negro: Utilizado frequentemente no decorrer das outras atividades é também utilizado na produção de textos coletivos. Aqui, as palavras contextualizadas se transformam, de frases, em "textos vivos".

Leitura: Desenvolvimento do ato de ler em voz alta e do prazer inerente à descoberta de um texto escrito.

De posse desse material filmado, e tendo como próxima etapa a sua edição, realizei - através do CNPq⁵ -

2 Uma vez que consideramos importante trabalhar com um equipamento reduzido e leve - para diminuir o grau de interferência na rotina da sala - esse tipo de critério foi também ponderado.

3 Estou me referindo aos níveis definidos por Emilia Ferreiro na psicogênese da alfabetização: pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético, que são utilizados pela equipe de Ibiturê.

4 Em Ibiturê, trabalha-se dentro de um novo enfoque. Tendo como referência as pesquisas de Emilia Ferreiro sobre a gênese da alfabetização, desloca-se a concepção de dificuldade da aprendizagem tradicional para a questão do conflito cognitivo.

5 CNPq: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

1 Etapa relatada em "EDUCAÇÃO EM REVISTA" nº 6.

uma "Viagem Científica" à França, a fim de aperfeiçoar minha formação de "pesquisadora-cineasta".

Junto com a equipe "FORMATION DE RECHERCHES CINEMATOGRAFHIQUES" – coordenada por Claudine de FRANCE – participei dos seguintes seminários, destinados a alunos em Doutorado de cinematografia de filmes documentários, oferecido pela "UNIVERSITÉ PARIS X – NANTERRE": "Problèmes de réalisation" (professores Annie COMOLLI, Jane GUERONNET e Philippe LOURDOU), "Méthodes et stratégies de mise en scène: théorie et pratique" (professora Jane GUERONNET), "Scénographie générale" (professor Xavier de FRANCE), "Cinéma et Sciences Humaines" (professor Jean ROUCH) e "Techniques corporelles du tournage à la main" (professor Jean Marc ROSENFELD).

Além disso, analisei com o professor Philippe LOURDOU o material filmado da pesquisa que estamos desenvolvendo no Brasil. Sua contribuição foi importante na detecção e superação de inadequações da *mise en scène* fílmica adotada até então, determinando novas estratégias de filmagem para a continuidade da pesquisa.

Uma maior colaboração entre o Professor Philippe LOURDOU e a Faculdade de Educação/UFMG está assegurada com a aprovação, pelo CNPq, da sua vinda ao Brasil em junho de 1988. Nessa ocasião, poderemos então dar prosseguimento à investigação das possibilidades do uso da imagem na área educacional.

Foi através do "CENTRE DE RECHERCHE DE L'EDUCACION SPECIALISÉE ET DE L'ADAPTATION SCOLAIRE" – C.R.E.S.A.S. – que se tornou possível a realização de filmagens, concomitantemente às atividades mencionadas acima. A possibilidade de documentar, através do vídeo, práticas educativas veiculadas em instituições escolares francesas constituiu um exercício prático de filmagem fundamental.

Filmei momentos do cotidiano de duas escolas localizadas na periferia de Paris (em ORLY e em NANTERRE), privilegiando a aprendizagem da leitura e da escrita.

Fui convidada pela equipe do C.R.E.S.A.S. a participar da concepção de um programa para a televisão francesa e a acompanhar as reflexões metodológicas da Pesquisa-Ação desenvolvida na escola de ORLY (onde também filmei).

Essa "Viagem Científica" fortaleceu nosso intercâmbio com o CRE-SAS, iniciado com estágio de professores da Faculdade de Educação junto a esse centro de pesquisa e com a realização do meu doutorado sob a orientação da sua diretora, Mira STAMBAK.

Tal intercâmbio se intensificará com a vinda de duas de suas pesquisadoras a Belo Horizonte em setembro de 1988 – a própria Mira STAMBAK e Marianne HARDY – dentro da programação, financiada pelo CNPq, "EDUCAÇÃO E IMAGEM". O objetivo principal desse encontro será a análise conjunta de pesquisadores das duas instituições, sobre o uso do vídeo no contexto da Pesquisa-Ação dentro da área educacional.

No LABORATÓRIO AUDIO-VISUAL da "ÉCOLE PRATIQUE DES HAUTES ETUDES", participei do Seminário "Cinématographie des apprentissages" ministrado pela professora Annie COMOLLI. A contribuição de COMOLLI para o nosso trabalho é essencial, pois temos como objeto de estudo em comum o registro fílmico de aprendizagens.

Após discutir o material filmado por mim, Annie COMOLLI fez-me o convite para participar, como pesquisadora estrangeira, do programa de pesquisa sobre o tema "Cinematografia de Aprendizagens", desenvolvido pela Ecole Pratique des Hautes Études.

A partir de um pesquisa junto ao acervo do "COMITÉ DU FILM ETHNOGRAPHIQUE" integrado ao "MUSÉE DE L'HOMME", seleccionei os filmes mais significativos da carreira do cineasta-documentarista Jean ROUCH. Essa seleção será objeto de uma mostra com o título "CINEMA E REALIDADE", que será apresentada, com o apoio da FUNDAÇÃO DOCUMENTA⁶, no Palácio das Artes, quando da presença do pesquisador-cineasta Philippe LOURDOU entre nós.

No que se refere à BIBLIOGRAFIA descoberta nesse período, gostaria de apontar algumas publicações, embora sem fazer uma lista exaustiva.

- 1) "Filmer le Réel – de la production Documentaire en France". "La Bande a Lumière" realizou esse

estudo dirigido por Richard CO-PANS e Yves JEANNEAU, com o apoio do "Centre National de la Cinématographie" e da "Société Civile des Auteurs Multimédia". Ele examina, confrontando os dados numéricos e os discursos, as hipóteses e os fatos, as condições nas quais os documentários são produzidos e difundidos na França e também no estrangeiro.

- 2) "Le documentaire français" – CinémAction 41 (Éditions du Cerf, Paris, 1987). Esse dossiê, reunido por René PREDAL, graças à "Intermédia", e ao "Centre National des Lettres", propõe uma ampla panorâmica de todas as facetas do documentário.
- 3) "Stratégie d'un Film Portrait; un grand-père et son jardin", Wendy SMITH, tese para o Doutorado em Cinematografia, sob a direção de Jean ROUCH – Université de Paris X – Nanterre".
- 4) "Cinéma – Rites et Mythes Contemporains" – Boletim de pesquisas do "Laboratoire Audio-Visuel de l'École Pratique des Hautes Études – 5ème section", nº 6, Paris, 1987.
- 5) "Cinéma du Réel" (Éditions Autrement, Paris, 1988). Livro organizado por Claire DAVARIEUX et Marie-Christine de NAVACELE que contém depoimentos de Joris IVENS, Jean ROUCH, Louis MALLE, Henri STORCK, IMAMURA, VARDA E DEPARDON.

De volta ao Brasil, dediquei-me, em termos da pesquisa, a finalizar a edição do que já tínhamos filmado, procurando uma solução para, num máximo de vinte minutos, expor a essência do trabalho, de uma forma interessante, para um público mais amplo.

Só aí poderemos discutir sistematicamente esse material, junto com os participantes (coordenação e professores) do Ciclo Básico de Alfabetização da Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais.⁷

Para aprofundar a investigação fílmica da experiência de alfabetização junto à rede municipal de Ibirité, pretendemos ainda:

- videografar, uma vez por semana, durante quatro horas, a relação

6 A FUNDAÇÃO DOCUMENTA é um órgão sem fins lucrativos, cujas principais finalidades são a pesquisa e produção audiovisual em Educação e Cultura.

7 Esclareço que essa etapa da pesquisa anunciada anteriormente para o primeiro semestre de 1988 teve, por razões do próprio trabalho, de ser deslocada.

professor-aluno dentro da dinâmica da sala de 2ª série, cuja 1ª série acompanhamos no final do segundo semestre de 1987, para que possamos verificar o trabalho de consolidação da alfabetização;

- elaborar relatório que englobe uma parte escrita, de aprofundamento da abordagem metodológica, e uma parte filmada, edição do material gravado durante o primeiro semestre de 1988.

Alfabetização de adultos

Desde 1985 vem sendo desenvolvido, na Faculdade de Letras (FALE) da UFMG, uma pesquisa sobre alfabetização de adultos, surgida da iniciativa de três professores do Departamento de Linguística e Teoria da Literatura da FALE, sob cuja responsabilidade permaneceu até o primeiro semestre de 1987, quando o grupo de pesquisadores foi ampliado. Atualmente, o trabalho envolve professores da FALE (dos Departamentos de Linguística, de Teoria da Literatura e de Letras Vernáculas) e da Faculdade de Educação (Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino), cabendo ressaltar que, desde o seu início, vem contando com a participação de alunos da FALE, que atuam como bolsistas.

Essa pesquisa tem como pressuposto básico a concepção segundo a qual dificuldades e erros não são aleatórios, mas decorrência imediata de hipóteses lingüísticas com que operam os aprendizes. Nessa perspectiva, dificuldades e erros constituem "pistas" que favorecem a análise e reconstrução das hipóteses do aprendiz. Essa reconstrução possibilita o estabelecimento de parâmetros a serem utilizados na crítica e na reformulação do material utilizado.

Num primeiro momento (de 1985 a 1987), o trabalho foi realizado através da execução de um projeto sustentado pelo Conselho de Extensão da UFMG e auxiliado, eventualmente, pelo MEC e pela FAPEMIG. O referido projeto teve como objetivo geral desenvolver conhecimentos já existentes e produzir novos, visando à criação de um modelo teórico de ordenação lingüística a ser utilizado na produção de material para a alfabetização.

Buscando atingir esse objetivo, inicialmente foi estabelecida uma ordenação lingüística com base nos

critérios propostos por Miriam LEMLE, em seu artigo "A tarefa da alfabetização: etapas e problemas no português", publicado em "LETRAS DE HOJE, PUC/RS 15 (4): 41-60. De acordo com tal ordenação, foi produzido um material para a alfabetização de uma turma-piloto, constituída de funcionários da UFMG.

Nas primeiras análises dos problemas encontrados na alfabetização da turma-piloto, constatou-se a limitação da ordenação inicial que, formulada de acordo com os critérios de LEMLE, operava apenas com as relações entre *fone* e *letra*. Partindo de tal constatação, a ordenação inicial foi, então, reformulada para aplicação em novas turmas, levando-se em conta as dificuldades verificadas nos níveis da sílaba e da palavra e nas relações dos aprendizes com os processos de leitura e escrita.

No nível de estrutura silábica e de palavra puderam-se observar os seguintes fatos:

1º. palavras como LUA e UVA, consideradas mais fáceis no que se refere às relações fone-letra, colocaram-se como mais difíceis do que as do tipo de LUTA e LUVA devido, possivelmente, aos conhecimentos relativos a padrão de sílaba, interiorizadas pelo aprendiz quando da aprendizagem da língua falada;

2º. palavras como PÁ e VI, consideradas fáceis no que se refere às relações fone-letra e estrutura silábica, colocaram-se como mais difíceis do que outras como PATA e VIDA, o que mais uma vez, certamente, reflete conhecimentos prévios e interiorizados pelo aprendiz, já falante da língua portuguesa.

No nível das relações do aprendiz com os processos de leitura e escrita, pôde-se observar o seguinte:

havia alunos que liam e escreviam,

havia alunos que liam mas não escreviam;

havia alunos que não liam e que escreviam(?). Estes últimos, na verdade, não escreviam, mas copiavam ou desenhavam.

Essas situações evidenciaram, de imediato, uma facilidade geralmente maior na leitura (na verdade, ouvese, freqüentemente, professor alfabetizador fazendo essa afirmação). Das reflexões sobre os processos de leitura e escrita, passou-se a trabalhar, numa primeira etapa, só com a leitura, com o objetivo primordial de analisar em separado os dois pro-

cessos, que na tradição escolar brasileira vivem tão visceralmente geminados.

A partir da análise dos resultados obtidos com a turma-piloto, reelaborou-se o material lingüístico, tomando-se como referência um modelo ampliado de ordenação, levando-se em conta não só as relações fone-letra, mas também os conceitos de sílaba e palavra padrão. Essa nova ordenação previa, também, desde o primeiro instante de alfabetização, a separação dos dois processos, de leitura e de escrita; a primeira precedendo integralmente a segunda. O material reelaborado foi aplicado, no início do 2º semestre de 1986, em novas turmas (num total de três). Paralelamente a esse trabalho com as novas turmas, a pesquisa caminhou na direção da leitura intermediária (com uma preocupação preferencialmente centrada na construção da frase e do texto) e da escrita inicial, com a primeira turma (a piloto).

O projeto terminou em dezembro de 1987. Para dar continuidade à pesquisa (os resultados, na verdade, têm ainda de ser avaliados), elaborou-se um novo projeto, financiado pelos Conselhos de Pesquisa e de Extensão da UFMG e pelo CNPq, constituído basicamente pelos mesmos professores e por um grupo ampliado de bolsistas da FALE. Nesse novo projeto, além dos trabalhos com as turmas anteriores e nova testagem com turmas iniciais (todas fora da Universidade e em situações bem diversas das anteriores), o grupo de pesquisa se propõe, basicamente, as seguintes tarefas:

1º) produção de textos teóricos sobre alfabetização no sentido de se divulgarem os resultados do primeiro projeto;

2º) análise dos resultados de nova testagem, dessa vez em turmas da comunidade não universitária;

3º) elaboração e aplicação de material para a leitura intermediária;

4º) reelaboração de material de escrita, testado paralelamente à leitura intermediária nas turmas que já sabem ler.

PELO GRUPO DE PESQUISA:

DANIEL ALVARENGA
Dep. de Métodos e Técnicas de Ensino da FAE/UFMG

DEMAIS PESQUISADORES:

EUNICE MARIA DAS DORES NICOLAI (Coord.)
MÁRIA DA GRAÇA COSTA VAL
MILTON DO NASCIMENTO
ORLANDO BIANCHINI
Faculdade de Letras da UFMG